

FAZENDO

GÊNERO

ANO VI Nº13 MARÇO A JUNHO /2002

VOZES FEMINISTAS NO CAMPO

Durante a I Feira dos Povos do Cerrado, realizada de 18 a 21 de outubro de 2001, no Parque Mutirama, em Goiânia, a equipe do FG aproveitou para conhecer mais de perto algumas das protagonistas da Feira: as associações de mulheres produtoras rurais. Em alguns *stands*, pudemos constatar a presença de várias experiências de cooperativismo entre mulheres que estão atuando em associações, em trabalhos como o extrativismo do babaçu, a produção de artesanato, produtos comestíveis, medicamentos fitoterápicos e cosméticos. A participação de muitas dessas associações contou com o apoio do grupo de trabalho Gênero, raça e geração de renda, criado por ocasião do Seminário Gênero, Educação e Pobreza, realizado pelo Grupo Transas do Corpo em agosto de 2001.

Ainda sabemos pouco sobre a realidade de vida das lideranças femininas nos acampamentos e assentamentos rurais, da lida diária com os poderes institucionalizados e do que pensam as mulheres que estão no dia-a-dia destes movimentos. Por isso, foi feito um cadastramento das experiências presentes na Feira. Entre as cadastradas, escolhemos a Associação das Trabalhadoras Rurais e Extrativistas de Wanderlândia, do estado do Tocantins, para uma verdadeira entrevista coletiva com suas lideranças, cujas principais idéias estão abaixo organizadas de acordo com o tema.

Lideranças entrevistadas em grupo:

- **Dinalzira F. Soares Campelo**, presidente da Associação.
- **Dulce Maria Soares Leite**, voluntária do projeto Bem-Me-Quer, de prevenção em DST/AIDS com trabalhadores/as do

sexo.

- **Terezinha de Jesus A. Ferreira**, agricultora, associada.
- **Luzia Soares Leite**, associada e mãe de Dulce.

Movimento de mulheres: dificuldades, ganhos, planos

Dinalzira: Por menor que Wanderlândia seja, nós temos movimento de mulheres. O que gratifica é que estas mulheres atendem aos convites da Associação, estão preservando o meio ambiente e vivendo na terra, conhecendo seus direitos. A conscientização das mulheres, a união, é o fato mais importante. Há mulheres treinadas para serem brigadistas [mulheres que apagam fogo na mata com equipamentos especiais], apesar do machismo das autoridades go-

O feminismo chegou ao campo? Será que poderíamos dizer que, de certo modo, as idéias que alimentaram e alimentam o feminismo como um movimento pela igualdade social colocaram as mulheres que lutam pela terra, que estão atuando no meio rural, nas malhas do discurso e do ideário feminista? Formamos uma rede solidária com estas mulheres?

Leia a matéria a seguir e envie sua opinião para

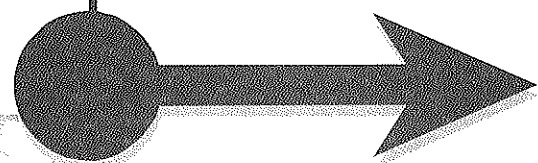
fazendogenero@transasdocorpo.com.br

Se você quiser saber mais sobre o assunto, visite o CEI, Centro de Estudos e Informação do Grupo Transas do Corpo, e faça uma pesquisa. O CEI funciona com agendamento prévio: (62) 241-9617.



Da esquerda para a direita: Terezinha, Dulce e Dina

CONTINUA NA PÁGINA 02



vernamentais que discriminam este tipo de trabalho para mulheres, por julgar que elas não têm capacidade física para desempenhá-lo. Difícil é convencer os homens sobre preservação ambiental. Muitos deles alegam que é perda de tempo assistir às palestras sobre isto.

Dulce: outro ganho é que as mulheres estão fazendo parte de movimentos pela saúde, aprendendo sobre prevenção. A Associação também participa, em parceria com outras organizações locais, de projetos como o Bem-Me-Quer sobre prevenção das DST/AIDS junto às/aos trabalhadoras/es do sexo.

Discriminação, machismo

Dina: quando eu tenho um problema de divisa de terra com um homem vizinho, é ele quem lidera, não acreditam que eu também possa ser capaz de resolver o problema. O próprio poder municipal não enxerga a gente igual.

Dulce: Os líderes (homens) sabem de nossa inteligência, mas, quando precisam de nós, não chamam, com medo de parecermos, de termos mais poder que eles.

Produção

Um dos problemas apontados pelas associadas, e que foi também objeto de discussão no Seminário Gênero, Educação e Pobreza, diz respeito à dificuldade que as cooperativas ou associações têm em trabalhar todas as etapas da cadeia produtiva, especialmente na parte final, da distribuição e comercialização dos produtos. Na própria Feira, havia diversos produtos no stand da associação que poderiam ter sido melhor comercializados: mel, artesanato, pimentas, castanhas, subprodutos do babaçu, tais como o mesocarpo (segundo elas, excelente contra as diarreias e outras doenças), doces, geléias, remédios fitoterápicos. O artesanato, segundo elas, não é valorizado:

Dulce: levo horas para fazer e só posso fazer depois que cuidado dos filhos, à noite. Eu vendo por R\$1,00 ou R\$2,00 e o povo ainda acha caro. Ninguém imagina o trabalho que dá.

Amor e amizade

Na vida dessas mulheres lutadoras, há espaço para sonhos, desejos, preocupações com o envelhecimento, vaidade, semelhante ao que se passa na vida de quase todas as mulheres. Também de modo semelhante, enfrentam as dificuldades de conjugarem trabalho, militância e vida doméstica.

tica, além dos desencontros que marcam as relações com os homens.

Dina: Até me interesse por alguns homens mas eles acham a gente machona, "valente demais"; não dão conta. A gente tem que resolver qualquer problema que aparece em casa, não dá para esperar.

Dulce: até meu pai fala, quando eu arrumo um companheiro: "olha, você pode ir morar com ela, mas ela é muito valente". Não tem jeito.

Dina: quando a gente é mãe, esquece até de ser mulher. Meus filhos ajudam, apóiam, estão longe das drogas, não gostam de televisão; quero que eles atualizem [no campo da informação] de outro jeito. A amizade e minha família eu não troco por nada nesse mundo. Meu mundo é rodeado por eles. Peço a Deus para eu não ter que mudar daqui, para não me afastar deles.

Alegrias e sonhos

Dina: A maior alegria é ver o outro feliz pelo trabalho conquistado. A conquista da terra é uma felicidade! O maior prazer é quando eu acordo cedo e vejo que tudo foi esforço meu e dos meus filhos. Uma vida só é muito pouco para curtir toda esta felicidade. O tempo é curto demais para desfrutar.

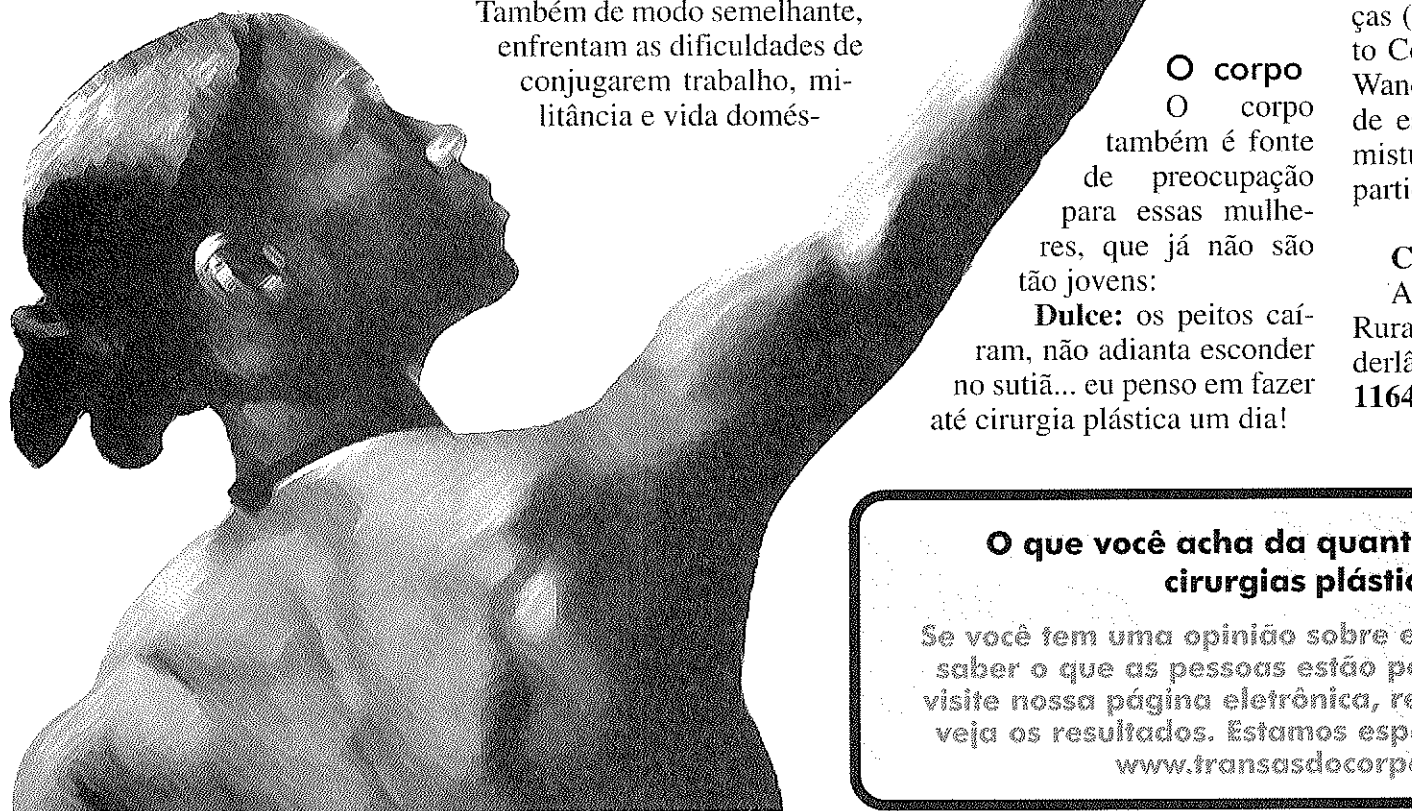
Dina: Uma gratidão que eu tenho é com o Zé Félix [coordenador do projeto Reviver] e Wanda Soares [coordenadora do projeto Roda-Viva], sindicalistas do Sindicato de Trabalhadores Rurais, pela oportunidade de trabalho e impulso, pelo que me ensinaram.

Dados da Associação

Desde 1999, a Associação das Trabalhadoras Rurais e Extrativistas de Wanderlândia (TO) existe formalmente, mas está na lida há mais ou menos seis anos. A Associação conta com 21 membros atuantes e cerca de 25 associadas. Nas palavras de Dulce, a Associação é muito nova mas não mede esforços para organizar politicamente as mulheres. Politicamente, Dulce e Dina, que são lideranças (informais) no Assentamento Costa Rica, no município de Wanderlândia, definem-se como de esquerda mas preferem não misturar as questões de política partidária com o movimento.

Contatos:

Associação de Trabalhadoras Rurais e Extrativistas de Wanderlândia-TO. Tel.: (63) 453-1164/1225.



O corpo

O corpo também é fonte de preocupação para essas mulheres, que já não são tão jovens:

Dulce: os peitos caíram, não adianta esconder no sutiã... eu penso em fazer até cirurgia plástica um dia!

O que você acha da quantidade atual de cirurgias plásticas?

Se você tem uma opinião sobre esse assunto ou quer saber o que as pessoas estão pensando sobre isso, visite nossa página eletrônica, responda à enquete e veja os resultados. Estamos esperando sua opinião!
www.transasdocorpo.com.br



Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo

Rua 137 com Av. 85, nº 556. Ed. da Moda, sala 301, St. Marista, Goiânia-GO/Brasil.
74.170-120. Fone: 55 (62) 241-9257 / 241-9617.
fazendogenero@transasdocorpo.com.br

www.transasdocorpo.com.br

Coordenação executiva:

Eliane Gonçalves - Doutoranda em ciências sociais, mestre em educação, especialista em saúde pública

Gelva M. M. Costa - Assistente social, especialista em políticas públicas

Joana Plaza Pinto - Doutora em linguística

Kemle Semerene Costa - Nutricionista e especialista em saúde pública e em gerontologia

Lenise Santana Borges - Psicóloga, mestre em mulher e desenvolvimento, especialista em saúde pública

Rurany Ester Silva - Assistente social, especialista em saúde pública

Conselho diretor:

Ana Maria Costa

Joselene Vieira dos Santos
Maria Cláudia H. da Silva e Souza
Kátia Karam Torralles (suplente)

Conselho consultivo:

Eleuse de Brito Guimarães
Lívia Martins Carneiro
Solange Rocha
Maria Luíza Moura (suplente)

Conselho fiscal:

Ana Maria de Oliveira
Eleny Xavier Marinho
Márcio André Martins dos Santos
Regina Rodrigues de Moraes (suplente)

Equipe técnico-administrativa:

Maria Cristina de Oliveira - assessora administrativo-financeiro
Andréia de Paula Silva - assistente técnica
Lígia Azevedo - secretária

Apoio:

Fundação MacArthur
Fundação Ford
International Women's Health Coalition
Coordenação Nacional DST/AIDS/Ministério da Saúde/
UNESCO

Conselho editorial:

Ana Paula Maluf
Pedro Plaza Pinto
Wilza Vilela

Editoras responsáveis: Eliane Gonçalves e Joana Plaza Pinto

Redação: Eliane Gonçalves, Gelva M. Costa, Joana Plaza Pinto, Kemle Semerene Costa, Lenise Santana Borges, Lívia Martins Carneiro

Revisão: Joana Plaza Pinto

Editoração: Carla de Abreu (62-223-0566)

As opiniões presentes nas entrevistas ou nos artigos publicados são de responsabilidade de suas autoras e autores.

MENOPAUSA

Senhoras de nossas próprias vidas

por Livia Martins Carneiro*

"Estou em guerra com meus hormônios."
 "Quero me prevenir da menopausa."
 "Livrai-me desta menopausa."

Estas expressões são comuns num consultório de ginecologia. Partindo delas, podemos nos perguntar: qual é o imaginário feminino em relação à menopausa atualmente?

Fato incontestável e percebido é que as mulheres estão lidando com a sua menopausa de forma antagônica, colocando-se, juntamente com seus hormônios, em um campo de batalha. Nesta perspectiva de incompatibilidades é de se esperar que, como resultado, a menopausa vai ser proveitosa apenas para aqueles que propagam sua patologização.

A menopausa é o fim do período fértil, com mudanças nos ritmos e ciclos femininos e a despedida da menstruação. Logo a fisiologia feminina não será mais oscilante e flutuante, e sim cada vez mais com tendência à constância e à estabilidade. Este novo status vai requisitar remanejamentos em várias glândulas, nos tecidos corporais, bem como na psiquê. Apesar de nos últimos anos a medicina formular um discurso de deficiência e carência hormonal, é impossível ignorar que há muito já se sabe que a menopausa fisiológica cria mecanismos compensatórios, acionando outras glândulas, como a supra-renal, e fazendo a conversão periférica dos hormônios nos tecidos gordurosos. Pode acontecer uma fase de desequilíbrio hormonal que vai gerar sintomas de intensidade e duração variáveis. Algumas mulheres dizem terem visto a sua menopausa chegar e partir mansamente, enquanto outras descrevem alguns anos de intoleráveis desconfortos.

Nos congressos médicos, junto à mídia e em diversos espaços, o tema **menopausa** é abordado como se fosse uma recém descoberta doença, que rapidamente se difunde com caráter epidêmico. Este argumento reduz o valor da mulher à fertilidade, juventude e beleza, facilitando desta maneira o desenvolvimento de uma rede de cobiçosos interesses. Desde o advento do "Belo Sexo", quando as mulheres foram destinadas a ser belas e a agradar, condecoradas com o triunfo estético, elas foram impelidas a demonstrar seu poder apenas nesta esfera. Esta moderna visão da menopausa contribui para perpetuar este legado e o estereótipo da mulher frágil, passiva e condenada à dependência.

Tradicionalmente as mulheres transmitiam seus segredos e mistérios sobre os seus corpos entre as amigas ou entre mães e filhas. Estes preciosos cochichos relativos à vivência da menopausa esclareciam sobre uma dieta leve, onde deveriam ser evitados alimentos pesados, estimulantes ou picantes; prioridade para vestimentas de cores claras e tecidos suaves; e até alguns apetrechos femininos eram aceitados, como o nosso saudosos leque. Esta prática fortalecia uma cultura feminina de sabedoria e autonomia.

O novo contexto econômico e midiático varreu esta cultura confidencial e mágica, desnudando o universo feminino e tornando a mulher completamente vulnerável ao seu poder de influência. São louváveis as conquistas técnico-científicas que oferecem um arsenal de hormônios sintéticos que devem ser adequadamente prescrito para aliviar distúrbios que podem surgir em algumas mulheres durante e após o período reprodutivo. Porém o que está acontecendo é uma generalização de seu uso, de forma experimental, indiscriminada, a longo prazo (*ad infinitum*), que vem colocando em risco a saúde da mulher. Cada vez mais configura-se o nascimento da indústria da menopausa que usa todos os instrumentos possíveis para vender o seu produto, a terapia de reposição hormonal (TRH).

Comprometida com as exigências da ordem do "mercado hormonal", a mídia submete as mulheres à ditadura do consumível. Desqualifica o corpo feminino, cria o desejo vão das mulheres de não aceitarem mais a sua natureza feminina, intensifica as angústias da idade e reforça os estereótipos da mulher superficial e frívola. Tal realidade é a perfeita legitimação do "artificialismo hormonal". Ao direito dos homens de exercer poder sobre a sociedade corresponde o direito das mulheres ao controle de sua fisiologia, a onipotência sobre seu próprio corpo? Podemos optar em não menstruar na vida reprodutiva a menstruar durante toda nossa velhice. É este o poder que nos resta?

Em relação aos desconfortos que podem surgir com a menopausa, é notório o quanto eles estão relacionados com as circunstâncias atuais da vida da mulher, a sua forma de se relacionar

com o mundo e as pessoas, e principalmente a maneira que a mulher encara a manifestação dos mesmos. Se após a primeira onda de calor ficarmos temerosas pensando que elas podem nos destruir e desenrolarmos várias projeções negativas sobre elas, pode-se ter certeza que elas retornarão cada vez mais intensas e freqüentes. Ao contrário, se nos colocarmos abertas e disponíveis para absorvê-las em nosso corpo, elas brevemente se ajustarão e passarão. A onda de calor é um fenômeno sensível, ela mostra e expressa a ação hormonal através de uma sensação corporal. Os fenômenos são apelos que o corpo faz para despertar nossa atenção para ele mesmo; isto nos torna mais vivas.

Presentes em nós mesmas, estaremos mais aptas para colaborar com os novos ajustes hormonais que devem se fazer naturalmente. Não é por acaso que o nosso corpo envia tantas mensagens; é necessário que aprimoremos uma escuta fina para assimilá-la. Não

tese, a mulher necessita de uma abordagem terapêutica integral e humanizada, na qual cada gesto do terapeuta confirme a humanidade de ambos. Ela anseia por profissionais que a acolham na sua inteireza, considerada na suas particularidades e singularidades. Assim ela deixará de ser objeto de sua menopausa e se tornará sujeito da mesma.

Existem na natureza substâncias bem semelhantes aos nossos hormônios, os fitohormônios, que de maneira suave nos ajudarão a modular a nova dança hormonal. Podemos escolher em transcórrer estes anos renovadas por estas dádivas simples que nos são oferecidas pela Mãe-Terra. Elas estão presentes nos cereais integrais, nas leguminosas (principalmente na soja), várias frutas e verduras, e em certas plantas medicinais: *Salvia officinallis* (sálvia), *Foeniculum vulgare* (funcho), *Cimicifuga racemosa* (cimicifuga), *Angelica arcangelica* (angélica), *Achillea millefolium* (mil-em-rama), *Agnus castus* (vitex), e várias outras.

Chegou a hora de reconsiderar as questões de fundo. Nós mulheres devemos: recriar uma consciência positiva de nós mesmas, reconquistar a autoconfiança, o amor-próprio e a auto-estima, e combater as atitudes que patologizam esta significativa crise vital feminina.

Sinalizando esperança em novas abordagens para as mulheres, aproveito para apresentar o trabalho do Centro de Humanização de Práticas Terapêuticas (CHPT), que pertence ao Hospital São Pio X, de Ceres - GO. Ao longo das últimas décadas, para desenvolver uma assistência humanizada, este Centro vem estudando, pesquisando e repassando este conhecimento que institui o primado da ampliação das modalidades e da relação terapêutica, e consagra o uso de plantas medicinais. Para maiores informações, telefax: 62-307-1914; e-mail: centro.human.@cultura.com.br.

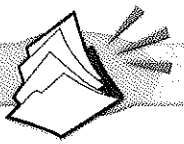


Imagem fornecida por Livia Carneiro

dá mais para adiar! Abandonar os hábitos maléficis para o organismo, como alcoolismo, tabagismo e sedentarismo. Propor-se a mudar radicalmente a sua dieta, priorizando legumes, frutas, cereais integrais, leguminosas (soja, feijão, ervilha, lentilhas), evitando alimentos de origem animal e industrial. Abandonar o ritmo de vida acelerado. Ter mais espaço para o lazer e repouso no cotidiano. Não se deixar contagiar pelo *stress* reinante em nossa sociedade.

A mulher precisa ter à sua disposição serviços de saúde que sejam seus aliados, que acompanhem e confiem na sua fisiologia e intervenham apenas quando houver desconcompensações, que lhe estimulem a adotar hábitos e atividades saudáveis, que previnam o desenvolvimento de patologias mas sem cair no exagero do tecnicismo. Em sín-

* Livia Martins Carneiro é ginecologista e obstetra, parteira de primeira qualidade e facilitadora da relação das mulheres com seus corpos. É membro do Conselho Consultivo do Grupo Transas do Corpo. Uma das pessoas mais atuantes na luta pela humanização das relações médico/a-paciente, especialmente no campo da saúde da mulher, com um longo histórico na luta pelo parto humanizado, Livia trabalha na Casa de Parto e no Centro de Humanização de Práticas Terapêuticas do Hospital São Pio X, de Ceres - GO.



Busdoors sobre AIDS finalizam a campanha pela melhoria da qualidade de vida das mulheres

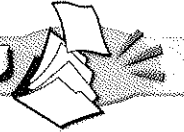
Fazendo parte da Campanha pela melhoria da qualidade de vida das mulheres, a data de 1º de dezembro – Dia mundial de luta contra AIDS, foi comemorada em Goiânia com diversas atividades promovidas pelo Fórum de combate à AIDS. O Grupo Transas do Corpo, além de participar das atividades do Fórum, também fez circular pelas regiões noroeste, leste e central da cidade, por meio de vans, busdoors com mensagens sobre prevenção da AIDS. O slogan da campanha para o tema AIDS foi "Melhor prevenir do que remediar". As vans circularam com os busdoors de 1º de dezembro de 2001 a 31 de janeiro de 2002. Usuários/as dos serviços do Grupo Transas do Corpo fizeram comentários positivos sobre esta fase final da campanha.



Arquivo Grupo Transas do Corpo - CEI

Estudo sobre o AISM em Goiânia

Aconteceu, no último mês de janeiro, em audiência especial com o secretário municipal de saúde de Goiânia, Dr. Otaliba Libâneo, a entrega dos resultados finais da pesquisa multicêntrica **Atenção Integral à Saúde da Mulher – Quo Vadis?**, estudo de caso de Goiânia. Coordenada pelo NESP/UnB e Grupo Transas do Corpo, foi realizada com o objetivo principal de avaliar a atenção à saúde da população feminina em cinco unidades básicas de saúde, analisando os serviços disponíveis, os principais problemas de saúde, a satisfação das usuárias e o processo de gestão local. Os resultados da pesquisa estão disponíveis também no Centro de Estudos e Informação do Grupo Transas do Corpo.



Atividades comemorativas durante o mês de março

O Fórum Goiano de Mulheres programou atividades para o mês de março em comemoração ao 8 de março – Dia Internacional da Mulher. O slogan adotado pelo Fórum este ano foi "Um outro mundo é possível com a superação das desigualdades econômicas, sociais, de gênero, raça e etnia". Várias serão as atividades realizadas pelo fórum, entre elas as principais: Marcha de Mulheres, programada para o dia 8 de março, e Conferência Estadual da Mulher, finalizando o período de atividades nos dias 6 e 7 de abril. Para saber mais sobre as atividades que ocorrerão, entre em contato e peça seu folder informativo através dos telefones: 62-224-0169 (CUT) ou 241-9257 (Grupo Transas do Corpo), email: gelva@transasdocorpo.com.br.

Novos projetos

O Grupo Transas do Corpo tem o prazer de informar que, para os próximos anos, contará com o apoio financeiro das Fundações Ford, MacArthur, International Women's Health Coalition, e Ministério da Saúde, para o desenvolvimento dos seguintes projetos:

- "Conversa de mulher": fortalecendo identidades feministas;
- Fortalecendo ações de cidadania da mulher negra: uma proposta de formação continuada ao Grupo de Mulheres Negras Malunga;
- Monitoramento de políticas públicas em saúde integral da mulher;
- Fortalecendo redes de articulação política;
- Comunicação estratégica;
- Desenvolvimento institucional;
- Transas adolescentes – CEI/Escola;
- Capacitando lideranças femininas para o enfrentamento das DST/AIDS.

Para saber maiores detalhes sobre os projetos, informe-se no catálogo de formação 2002 do Grupo Transas do Corpo ou através do email transas@transasdocorpo.com.br.

Formação feminista em 2002

O Grupo Transas do Corpo realizará os seguintes cursos em sua área de formação no primeiro semestre. Anote as datas e fique atento/a! Maiores informações: transas@transasdocorpo.com.br ou 62-241-9617.

1. Fortalecendo a cidadania das mulheres negras – oficinas de formação para lideranças do Grupo de Mulheres Negras Malunga. De fevereiro a novembro, aos sábados, das 13h30 às 17h30.
2. "Conversa de mulher": fortalecendo identidades feministas. Dirigido a lideranças femininas que atuam em sindicatos, partidos políticos, associações de mulheres, estudantes, entre outros, simpatizantes ou interessadas no feminismo. De abril a novembro, oficinas quinzenais às quartas feiras, das 17h30 às 19h30.
3. Capacitando lideranças femininas para o enfrentamento das DST/AIDS. Dirigido a mulheres que coordenam ou desenvolvem ações de prevenção em DST/AIDS em ONGs, movimentos populares e instituições filantrópicas. De 28 de julho a 03 de agosto de 2002. Carga horária total: 60 horas.

**O prazer de um vôo
nosso sonho faz 15 anos**

O Grupo Transas do Corpo nasceu de um desejo: o de sair das estruturas rígidas e burocratizadas que caracterizavam e ainda caracterizam o setor público no país. Não pensávamos em entrar para o setor privado, dado que nenhuma de nós ostentava nenhum talento particular para a esfera dos negócios. O campo aberto pela sociedade civil com o país em pleno processo de redemocratização pareceu-nos, então, o melhor lugar para atuação. O feminismo já se constituía para todas nós, as quatro fundadoras, como espaço de vivência política; nossa formação nos campos da saúde e das ciências humanas, nossas ferramentas para intervir no social. Junte-se a isso pitadas de sonhos, utopias e ardor juvenil, e eis que formamos o Grupo Transas do Corpo em 23 de março de 1987.

Ao longo desses 15 anos, o Grupo Transas do Corpo vem construindo um jeito próprio e autônomo de gestão institucional. Há poucos modelos no mundo das ONGs e é preciso muita paciência e persistência para criar algo novo. O que aprendemos tentamos tornar disponível para outras que estão no mesmo processo, pondo em prática um dos princípios do feminismo que é o saber compartilhado.

Na impossibilidade de listar de forma completa tudo o que fizemos nestes 15 anos, registramos aqui alguns dos momentos mais importantes na nossa trajetória:

- Antes de 87 e até 1990, estivemos construindo o PAISM (Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher), inovando tanto no campo metodológico, das práticas educativas, como introduzindo novos conceitos em termos de atendimento à mulher.
- 87-88: Primeiro projeto com recursos, financiado pela LBA, para desenvolver trabalho com mulheres da zona leste de Goiânia, trabalho pautado pelo enfoque na sexualidade.
- 89-91: Coordenamos, junto com outras mulheres feministas, o processo de preparação e realização do XI Encontro Nacional Feminista, em Caldas Novas, ao qual compareceram 600 mulheres de todo o Brasil.
- 92: Primeira sede, possível graças ao primeiro apoio junto à cooperação internacional.
- 93: Eliane Gonçalves, uma das fundadoras do grupo, é aprovada em concurso do Programa de População da Fundação MacArthur, e sua bolsa é utilizada como recurso institucional, permitindo o envolvimento de toda a equipe.
- 93: Criação do CEI, o nosso Centro de Estudos e Informação.
- 1994: Conseguimos a Lei Municipal de Utilidade Pública.
- 1995: Produzimos e lançamos o vídeo "Sexo, Giz e Apagador".
- De 1996 até os dias atuais: nossa agradável sede (a terceira); a consolidação como uma organização feminista de referência em Goiás e

no Centro-oeste; a coordenação de vários fóruns e redes; organização de inúmeros eventos importantes, tais como o I Encontro Goiano de Educação Sexual (1997); realização de um grande número de capacitações em gênero e sexualidade, incluindo cursos de extensão nas duas universidades de Goiás, Federal e Católica; ações importantes de articulação política com outras redes e fóruns; processo de planejamento estratégico e redefinição institucional, com abertura do grupo para novos sócios/as e conselheiros/as; pesquisas realizadas em parceria com instituições de renome, tais como UNICAMP, UnB, CEBRAP e UCG.

Poderíamos ir muito mais longe, enumerando fatos, contando casos, falando da nossa caminhada por trilhas às vezes bem acidentadas, nos episódios de tantos enamoramentos, separações, colisões, enganos e acertos... Mas vamos ficando por aqui, reafirmando a profunda gratidão que sentimos por aquelas que deram os primeiros passos, nos inspirando a fazer diferente.

Venha compartilhar conosco essa caminhada, com um debate instigante

com o Prof. Daniel Simião sobre nossa temática de atuação (leia mais no box), lançamentos de algumas novas publicações do grupo, e um brinde final.



**Dia 22 de março,
sexta-feira, 19h30**

Auditório João Bênio/Sesi
Av. Araguaia, 1544, Vila Nova, Goiânia-GO

Debate: "Há coisas fora do lugar? Uma conversa sobre gênero e feminismo com Prof. Daniel S. Simião".

Lançamento de publicações do Grupo Transas do Corpo
Recepção festiva dos 15 anos

R.S.V.P.: 62-241-9617, 62-241-9257,
transas@transasdocorpo.com.br

Quem é Daniel S. Simião?

Daniel Simião, antropólogo, já coordenou o programa de gênero de uma ONG de Educação Popular de Curitiba, a Aditepp, durante 3 anos, e integrou a equipe de uma ONG feminista de Brasília, o CFEMEA, até 2000. Atualmente integra o Comitê Assessor do Fundo de Gênero da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional em Brasília, atua como professor na Universidade Católica de Brasília (UCB) e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UnB). Em sua dissertação de mestrado, na Unicamp, pesquisou o campo das ONGs brasileiras que atuam com programas de gênero e desenvolvimento.